

FIRTH E OS TIKOPIA: A ETNOGRAFIA COMO EXPERIÊNCIA

Nós, os Tikopias. Um estudo sociológico do parentesco primitivo, de Raymond Firth. São Paulo. Edusp/Imprensa Oficial, 1998, 756 pp.

Marco Antonio Gonçalves

O volume se inicia por uma apresentação de Marcos Lanna ao livro, obra e idéias de Raymond Firth, contextualizando sua contribuição para a antropologia em geral e a etnografia polinésia em particular. Lanna lê Firth para além da etnografia, isto é, busca encontrar o que não está explicitamente colocado: o fato social total, a discussão com o individualismo, o problema da reciprocidade, estrutura e estratégia, sistema complexo de parentesco, noção de casa, perspectivismo etc. Desta forma, *etnografia* serve a múltiplas interpretações. Lanna recria a partir de *Nós, os Tikopias* um Firth *avant la lettre*: toma sua etnografia como se esta contivesse desde sempre os problemas centrais da disciplina,

justificando assim a importância do "fazer etnografia" e da "etnografia para antropologia".

Esta minha reflexão sobre o livro procura explorar o sentido que Firth atribui à sua etnografia, avaliando como esta forma de fazer antropologia pode *conhecer e* de que modo constrói uma narrativa e interpretação sobre o *conhecimento*. Questões como a constituição de um estilo de descrição, a apresentação do material e sua consolidação enquanto *um* modo de fazer etnografia orientam esta leitura.

Uma etnografia apresenta muitos fatos de diferentes maneiras: os fatos pelos fatos, os fatos justificando uma interpretação, a interpretação baseada em uma teoria, a teoria baseada em um fato etc. As etnografias muitas vezes são lidas buscando-se algo "por trás dos fatos": a justificativa de uma interpretação, o sentido da argumentação, a atribuição ao autor de uma super-racionalidade, de um controle absoluto dos fatos e de suas interpretações. Ao ler *Nós, os Tikopias* proponho um retorno a questões fundamentais para a antropologia: o que significam etnografia, descrição, apresentação de dados, inter-

pretação, argumentação teórica? O texto de Firth, por ser inaugural de um estilo, ajuda a compreender *um* sentido de etnografia.

Malinowski empresta uma direção a essas preocupações em seu prefácio ao livro. Ele saúda Firth por sua contribuição à antropologia e por seu modo de conduzir a etnografia, enfatizando que Firth trata de muitos aspectos ao tratar do parentesco — o parentesco para os Tikopia tem a mesma função da troca trobriandesa, do *kula*: articula uma narrativa, pretexto para abordar múltiplas facetas do social. Nesta perspectiva, a etnografia revela um estilo: a preocupação com a narração de uma experiência em que o etnógrafo participa da descrição. Estilo que revela a vocação da etnografia moderna ou mesmo a invenção da etnografia enquanto linguagem, aquilo que nos permite ter acesso às questões da antropologia. Malinowski acentua as três qualidades essenciais da etnografia, que tornariam os trabalhos clássicos pertencentes ao gênero: "a solidez de julgamento", a "clareza de argumentação" e a "sinceridade de estilo" (p. 15). Essas qualidades fazem com que o livro de Firth possa ainda ser lido embora já longe dos Tikopia que atualmente habitam uma ilha da Polinésia.

O texto de Firth está abundantemente pontuado por trechos da fala nativa. Ele faz uma apologia da história oral, ressaltando a importância das narrativas tikopia como literatura: suas canções seriam "a matéria-prima de que pode brotar uma literatura nacional — quando algum dia um poeta polinésio buscar inspiração nos temas antigos de seu povo, como Gogol, em *Taras Bulba*, remontou ao saber cossaco da Ucrânia" (p. 390). Para revelar essa "literatura não escrita" dos Tikopia, usa o parentesco como mote para abordar muitos outros aspectos da cultura, como as canções, rituais, estilo de vida, relações pessoais, os sentimentos, a paisagem etc.

Malinowski destaca a positividade do "empirismo radical" de Firth, definindo-o como o dever de qualquer construção de uma etnografia: "O espírito radicalmente empírico, a riqueza de documentação concreta colocam diante de nós a vivida presença de homens e mulheres" (p. 16). Contrapõe esse modo de produção de conhecimento ao que chama de "uma indigestão de novas teorias antropológicas" e aos "novos padrões [que] vão sendo erguidos em intervalos de meses", de tal forma que "a realidade da vida humana vem sendo submetida a algumas ridículas e alarmantes manipulações".

Malinowski critica o excesso de teorias e a pouca articulação com a etnografia orientada para os dados e para construir um vivo retrato da vida tribal. Não poupa ironias aos termos e conceitos utilizados por Bateson, Mead, Benedict¹ e às suas etnografias, "tentativas de analisar culturas em termos de cismogênese, ou de definir o 'gênio' individual singular de cada sociedade particular como apolíneo, dionísio ou paranóide, e coisas do gênero. Sob o destre toque de um escritor as mulheres de uma tribo parecem masculinas, enquanto em outro os homens desenvolvem qualidades femininas quase à beira do parto" (p. 16). Malinowski exalta a etnografia tikopia de Firth e a define como uma "peça de erudição genuína, baseada na experiência real de uma cultura e não em algumas poucas impressões ficcionais" (p. 16). Critica os estudos "modernos" e propõe um retorno (em 1936) à etnografia *stricto sensu*: contra as modas e aqueles que produzem "uma confusão de *slogans* ou rótulos, uma fábrica de atalhos impressionistas ou reconstruções conjecturais. A antropologia cultural é uma ciência social" (p. 19). Menos que uma vaga pós-moderna, o que o prefácio de Malinowski nos deixa antever é que havia desde sempre um debate em torno do significado de etnografia. Parece que a definição do que seja etnografia, congênita à origem da disciplina, funda a discussão do que significa a antropologia. Desta forma, *Nós, os Tikopias* nos conduz à reflexão sobre o sentido da etnografia e a constituição da antropologia.

O trabalho de campo que deu origem ao livro foi realizado durante um ano apenas, entre julho de 1928 e julho de 1929, em Tikopia, ilha da Polinésia que à época contava com "1.200 nativos saudáveis e vigorosos" em um universo "quase intocado pelo mundo exterior", em que "o povo de Tikopia administra seus próprios negócios" (p. 88). "'Nós, os Tikopias' não é fortuito. Tradução de uma expressão nativa que está constantemente nos lábios do próprio povo, corresponde a essa comunidade de interesse, essa autoconsciência, essa individualidade fortemente marcada na aparência física, nas roupas, na língua e nos costumes que eles tanto prezam" (p. 76). Esta primeira definição é importante para que não haja

(1) Bateson, Gregory. *Naven*. 2ª ed. Stanford: Stanford University Press, 1958; Benedict, Ruth. *Patterns of culture*. Boston: Houghton Mifflin, 1934; Mead, Margareth. *Sex and temperament in three primitive societies*. Nova York: William Morrow & Co., 1935.

má interpretação sobre o título do livro. "Nós, os Tikopias" faz sentido para os nativos e não é um artifício do antropólogo para atribuir uma "totalidade" ao povo que estuda ou construir um "nós" a partir de sua "autoridade" etnográfica.

O objetivo do livro é a "análise sociológica da vida familiar e do parentesco" (p. 76), ou "o lugar primordial do parentesco na vida social tikopia" (p. 81). Firth apresenta a visão estabelecida do significado do parentesco, as teorias correntes na antropologia e o que isso implicava em termos conceituais, para definir por contraste suas preocupações. Estava interessado no grau de observância das regras e por isso eram fundamentais as informações que arrolava no texto. Queria observar e descrever a prática do parentesco e não o aspecto abstrato das regras e do sistema.

Ele expõe o que se tornou lugar-comum sobre o trabalho de campo e a prática antropológica: o estranhamento, a dificuldade em entender a experiência e dar sentido a ela (p. 85). Faz uma reflexão importante sobre o que é um fato e o que é uma interpretação. Firth parecia defender a idéia de que somente o etnógrafo é quem sabe distinguir um fato de uma interpretação, e assim as reinterpretções dos "fatos" por outros seriam apenas possíveis quando se assume explicitamente o caráter interpretativo de tal empreendimento. Sabia que isolar um fato de uma interpretação na construção de uma etnografia desautoriza o tratamento do material etnográfico enquanto "material empírico", "material bruto" que pode ser reinterpretado.

Em sua apresentação sobre o trabalho de campo estão todos os ingredientes de como se fazer pesquisa. Parece uma reedição da "Introdução aos argonautas", se bem que ao estilo de Firth, que acentua a ponderação, a humildade e a modéstia. A dificuldade em obter informações e estabelecer diálogo com os nativos, questão que aparece em quase todas as pesquisas de campo, é a tônica de seu relato: desconfiança, vigilância, reticência. Firth defende o "mimetismo" como técnica fundamental do trabalho de campo: "comi sua comida, obedeci ao *tapu* [tabu], participei do sistema de trocas e, acima de tudo, falei com aprovação do que via. Os chefes e os anciões abriram seus acervos de saber" (p. 93). Tornar-se parecido com os nativos surge como chave para o conhecimento antropológico. O mimetismo significa tornar-se aceito, inserir-se no cotidiano, em suma, participar. Mas como poderia ser diferente? O antro-

pólogo poderia ficar alheado, não participar da cultura nativa? Desde que a antropologia mudou seu paradigma sobre o estatuto do "selvagem" e do "primitivo", desde o momento em que os nativos são "razoáveis" ou "iguais a nós próprios", o trabalho de campo e a observação participante surgem como "algo natural". Então por que não fazer o que os nativos fazem? Por que não imitá-los? É neste sentido que Firth narra sua participação na vida diária como algo surpreendente, parecendo com isso querer atestar que não seria normal se não fosse um antropólogo, isto é, se não tivesse um sistema de crenças próprio da antropologia que lhe assegurasse essa possibilidade de participar mimeticamente da vida tribal com a intenção de ser aceito e compartilhar uma visão de mundo. Mas Firth desconfia da frase "foi aceito pelos nativos como um deles" (p. 95). Para ele era impossível o "tornar-se nativo", de modo que "ter-se tornado um membro da tribo" ou "ser visto pelos nativos como um deles" seriam apenas frases proferidas por aqueles europeus que estavam prontos "a se gabar de conhecer o que o nativo pensa, de estarem qualificados a representar o ponto de vista nativo" (pp. 95-96), mas não afirmações próprias para os antropólogos.

Ele adota o padrão da descrição em tempo real da vida cotidiana, usando considerável massa de exemplos ao longo do texto. O livro tem setecentas e tantas páginas (nesta edição) mas poderia ter tido muito mais, o que nos faz refletir sobre os limites desse estilo descritivo, sobre o necessário e o supérfluo numa argumentação. A "primeira impressão" sobre os Tikopia (p. 83) define um estilo de descrição. Para saber o que os nativos trajavam, se seus remos eram pesados ou não, se tinham anéis feitos de cascos de tartaruga e rolos de folhas nos lóbulos das orelhas, se usavam grandes leques enfiados por dentro dos cintos, era necessário, sem dúvida, mais que uma visada de longe, de cima de um navio para as canoas dos nativos. A descrição de um "primeiro encontro" sugere demonstração da consciência da narrativa, da construção da experiência, ponto de vista francamente assumido por Firth.

Em seguida ele enfatiza o temor de seu "ajudante" — Firth tinha um "criado pessoal", um rapazinho de Java que "conhecia os costumes dos brancos" e ajudava na produção de comida — quando avistou do convés a praia de Tikopia. Essa ênfase exagerada passa a idéia do temor do desconhecido, de uma diferença radical. Embora saiba quem são os Tiko-

pia antes mesmo de chegar lá, quer produzir a sensação do encontro com os "polinésios primitivos", longe da civilização. Assumindo o mesmo tom, expõe situações como se fosse o primeiro a estar ali, como se antes dele os nativos não soubessem o que significavam as moedas inglesas e seus valores. Narra como os nativos não se convenciam com suas explicações e jogavam fora as moedas, chamando-as de "pedaço de ferro inútil" (p. 91). Esta construção de uma diferença radical, exotização garantida pelo "estranhamento", produz o acesso ao conhecimento, marca registrada da descrição de Firth. Mas o estranhamento parece ser uma opção consciente, algo efetivamente construído.

Um nativo diz a Firth: "Amigo, eu lhe contei segredos [...]; minha *ora* (vida) e a de meu povo e essa terra tikopia irão com você. Eu me sentarei aqui e vigiarei; se o mal recair sobre esta terra, saberei que foi por intermédio de seus atos'. Mais do que qualquer outro cientista, o antropólogo depende da confiança de seu material humano e tem sempre de enfrentar a dúvida sobre até que ponto ele está traindo essa confiança pela publicação do que lhe foi dito. Sonegar parte de seus dados significa distorcer o quadro que está tentando fazer" (pp. 93-94). A fim de ultrapassar o dilema do compromisso com a antropologia ou com os nativos que estuda, Firth procura fazer um "registro exato e científico", uma avaliação precisa das instituições e modos de vida desse povo. A ciência é a saída para poder revelar os "segredos" tikopia.

Firth reconhece os limites do trabalho de campo e considera a subjetividade um elemento determinante da pesquisa. O que designa por subjetividade é a participação na sociedade tikopia: acompanhar os rituais, os funerais, tudo aquilo que pode interferir na qualidade de seus dados. Não confunde subjetividade com intimidade, atribuindo-lhe o sentido de algo individual ou único, que pertence ao pensamento humano, em oposição ao mundo físico. Subjetividade assume então uma dimensão mais filosófico-conceitual, um modo de conhecimento das ciências sociais, não conotando intimidade ou pessoalidade. Se Malinowski soube de algum modo conservar em seu "diário no sentido estrito do termo" as fronteiras entre a intimidade e a subjetividade, para Firth, desde o momento em que se coloca como um cientista entre os nativos, tudo é subjetividade e por isso deve ser revelado, como o compartilhar de uma experiência.

Firth descreve sua primeira impressão sobre os Tikopia — mesmo à custa de estereótipos — como um momento que precede a transformação que se daria em seu ponto de vista sobre os nativos a partir da convivência diária. Quer guardar essa impressão antes de "desvanecer no reino das idéias aceitas": "homens com aparência selvagem, com bastas cabeleiras semelhantes a uma longa e fulva crina, uma pele bonita muitas vezes amarela ou amarelo-laranja graças à tintura de açafrao" (p. 96). Firth se via compelido a falar sobre tudo o que viu e ouviu, não omitir nada; tinha um compromisso com a "verdade dos fatos", com a "honestidade científica". Toda e qualquer afirmação que faz é precedida de exemplos e ilustrações, um método demonstrativo da ciência natural que transposto para a ciência social resulta em excesso de informações e institui um "método confessional". Seguindo a compulsão e o dever de narrar a experiência, Firth descreve a "limpeza pessoal" dos Tikopia, o banho, o modo de cuspir, o lugar da defecação etc. Pés e mãos são descritos com a seriedade de quem revela algo extremamente importante para o mundo, chegando por fim à descrição do tom da pele: "observei em inúmeros indivíduos que a pele normalmente oculta sob a tanga era um pouco mais clara do que a das superfícies expostas do corpo" (p. 102). Este tipo de observação do que parecia óbvio prova a *necessidade* da descrição e o lugar que esta ocupa na construção de uma etnografia.

A experiência etnográfica faz com que Firth "estranhe" o que lhe parece mais próximo. A descrição de crianças tikopia é iniciada por uma total "estranheza". Ele descreve as expressões "gu gu ga ga" como se ouvisse pela primeira vez os sons emitidos por um bebê. Quer relatar cientificamente o que viveu e observou entre os Tikopia, passar a dimensão total de sua experiência etnográfica — etnografia significa agora, literalmente, "escrita da cultura por meio da experiência".

Na descrição geográfica e morfológica da ilha (p. 107), cada recanto dela é descrito com sua variedade de plantas e de paisagem, como num relato de viajante. Embora Firth afirme que "a antropologia moderna libertou-se do incubo dos relatos de viajantes na medida em que reconhece que o pai 'selvagem' é tão capaz de afeição para com os filhos quanto um pai de uma comunidade européia atual", usa da mesma fórmula daqueles relatos para tornar os "selvagens" razoáveis, para

provar que mesmo os "canibais podem ser bondosos em seu círculo familiar". Firth diz que é preciso inculcar esta boa nova na "mente popular", demonstrando assim a pretensão de estar escrevendo para um público amplo, não muito diferente do público dos cronistas.

Esse excesso descritivo encarna a idéia da radicalidade de uma concepção de etnografia em que tudo parece ser relevante e aquele que narra assume o dever de tornar real e visível para outrem o que este não pôde ver e viver. Foi Firth, o antropólogo, quem se deslocou até lá, um "lugar distante", "inacessível", "exótico", e por isso tem a obrigação de tomar tudo vivido aos leitores. Uma longa descrição do pôr-do-sol e do mar (pp. 114-115) demonstra a importância da observação da paisagem, a obsessão pelo detalhe, o desejo de fazer com que o leitor possa experienciar o universo narrado. Nada escapa à sua observação: sons, cheiros, impressões. Ele inicia uma narrativa com informações de caráter mais geral e logo em seguida passa a uma descrição detalhista em que o essencial às vezes se perde. Seu método de descrição quer dar conta do vivido, e por isso se queixa da "falta de espaço para descrever integralmente as minúcias da vida, mesmo de uma única casa durante um único dia" — e em face do alentado volume final pode-se perguntar quanto mais espaço Firth gostaria de ter. Mas percebe-se que a descrição não é um adorno da etnografia, e sim seu fundamento.

É ele quem toma a iniciativa no processo de conhecimento — o qual sempre depende de sua experiência de campo. Para extrair informações, interpela os nativos, questiona, atrapalha. Um caso ilustra bem esta interação: o barulho do seu gramofone perturba um ancião e a partir deste incidente Firth descobre que o espaço denominado *mata paito*, onde estava o gramofone, deve ser respeitado e tem significação especial na construção de uma casa tikopia (p. 170). Ao medir as cabeças dos nativos quebrou o *tapu* — isto é, tocar nas cabeças dos homens poderia subtrair sua *ora* (vida, substância anímica) —, tendo assim de interromper as medições, e chega mesmo a interferir em uma briga de casal (p. 229). Ele "descobre" as regras pela experiência.

"Certa ocasião, eu estava anotando quando..." — esta é uma forma de narrativa recorrente em Firth, que se coloca como observador participante no processo de conhecimento. Em vez de simplesmente exprimir sua interpretação, descreve todo o fenôme-

no e o que induziu à sua percepção. Ele é o laboratório de suas próprias experiências, e seus erros de comportamento são acertos antropológicos. Mas os detalhes fazem parte da narrativa e dão forma ao seu estilo. Não são, do ponto de vista de Firth, supérfluos ou aleatórios; esboçam uma perspectiva teórico-conceitual da constituição da etnografia.

Passemos ao cerne de sua argumentação: o estudo do parentesco. O parentesco é percebido pelo prisma da alimentação, do comportamento, das relações pessoais. Firth se baseia nas relações mobilizadas pelo compartilhar uma casa, um roçado, desenvolver atividades domésticas, no ato de dormir e comer. Deste modo, seu interesse reside no que pode ser designado por "infra-estrutura das relações de parentesco".

"Os comentários sobre a composição e a textura [...] de um prato feitos por quem o recebe revelam a importância da cozinha nas relações sociais" (p. 197). Firth ressalta a profundidade das relações sociais e um modo de abordar o parentesco diferente do de Radcliffe-Brown², ao estilo da "cultura" e não das "relações sociais". Apresenta as receitas tikopia (pp. 197-208), descreve minuciosamente o preparo do pudim de coco, o modo como é descascado, ralado, amassado e assado. Sua definição de parentesco se distancia do tecnicismo normalmente empregado, mediante categorias, terminologias, classes. A ênfase recai no modo como os nativos agem e se comportam socialmente. A cultura material, a residência e a alimentação são mais importantes que a nomenclatura. Firth trabalha com situações contextuais, com exemplos específicos, não hipotéticos.

Para ele é necessário produzir mais que gráficos, diagramas, genealogias e censos (p. 216) — é preciso um estudo cultural do parentesco. Está mais preocupado com a prosa do que com a gramática. Interessa-se pelo que define como o informal e o formal no relacionamento com os parentes e não pelas relações sociais propriamente ditas (p. 223). Está mais inclinado à percepção dos "sentimentos" do que à dos "direitos" que o parentesco engendra, e por isso torna-se difícil uma síntese do que

(2) Radcliffe-Brown, A. R. "The mother's brother in South Africa" [1924], "Primitive law" [1933], "Social sanctions" [1933], "On the concept of function in social science" [1935], "Patrilineal and matrilineal succession" [1935]. In: *Structure and function in primitive society*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1952.

significa o parentesco tikopia. A própria teoria de Firth é dependente da descrição, dos detalhes, da "carne" do parentesco. Não existe um "modelo", uma "estrutura social", mas sim uma abordagem cultural ou manifestações culturais do parentesco. O uso do termo "sentimento" implica "não uma realidade psicológica, mas cultural" (p. 259). Firth queria fazer uma "antropologia do afeto", situado este na cultura e nos costumes, e não uma "antropologia do direito", partilhada, por exemplo, por Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard. Ainda quando descreve o "sentimento filial" (p. 268) enfatiza o contexto como fundamental, fugindo assim do universo generalista das regras, dos direitos e deveres; aposta no "sentimento", pois este retrataria a variação individual, pessoal, da experiência.

Uma outra recorrência é a expressão "... Naturalmente, há exceções a isso". Quando afirma uma relação padronizada, recorre às exceções à regra que quer apreender ou apresentar. Um esforço deliberado contra qualquer abstração. Firth não generaliza, simplesmente nomeia os indivíduos, cria personagens, captura não somente o essencial, mas sobretudo o particular. Mas se o individual é perseguido, isso não significa que não ache importante apreender um padrão estabelecido.

Firth percebe desde aquela época a importância dos parentes maternos em um sistema patrilinear (p. 312), o que deriva não de uma análise formalista do parentesco, mas de sua análise "sentimental". A partir da etnografia tudo parece menos caricatural, formal e conceitual do que o esquema proposto por Radcliffe-Brown. Por meio dessa dimensão da etnografia revela-se que nada é tão absoluto como queria fazer crer uma antropologia formalista que nascia à época, tal como apontado por Malinowski no Prefácio. A força de sua etnografia é justamente a de recusar um formalismo abstrato quando se trata do parentesco — a "figura do irmão da mãe" como abstração é questionada e Firth admite que existem muitos "irmãos da mãe" que implicam graus diversos de proximidade (p. 313).

No seu método para compreender o parentesco as categorias são dissecadas quanto à sua significação cultural — primos cruzados, pai, mãe, tio materno, sobrinho, irmão/irmã etc. Firth usa os próprios discursos nativos sobre a significação dos termos e graus de parentesco. Os termos são preenchidos culturalmente. Esta perspectiva não constituiu um "estilo" na antropologia; ao contrário, pare-

ce ter sido desqualificada pela vertente formalista, que se consolidou como o modo "correto" de abordar o parentesco, criando uma sinonímia entre relações sociais e parentesco, esvaziando seu conteúdo cultural. Quando Firth apresenta os termos de parentesco (p. 360), em vez de simplesmente dispor uma lista de vocativos e referenciais às posições terminológicas, descreve e contextualiza cada um dos termos e o seu uso como exceção ou recorrência. Afirma assim a sua proposta substancialista do parentesco, recusando o ponto de vista formal.

Chama a atenção para a residência e sua importância na constituição do parentesco (p. 370). Agregação o constituinte social nas configurações do parentesco entrando no mundo das relações pessoais e não no das "relações sociais" que constituem a abstração do parentesco. O que Firth insiste em demonstrar é a fluidez dos termos de parentesco, isto é, não podem ser percebidos como derivados de relações sociais, emblemas de relações. Aponta para a liberdade individual de criar o parentesco, para o parentesco despregado da representação biológica, inserido completamente na sociedade e na cultura.

Ao analisar a "cooperação e reserva nas relações matrimoniais" (p. 411) enfatiza a consangüinidade na construção das relações de parentesco em vez de privilegiar a afinidade; pensa o sogro como avô dos filhos e não como um afim. De fato, a teoria nativa tikopia atesta esta supremacia da consangüinidade sobre a afinidade. Este aspecto demonstra que Firth não quer adotar uma "teoria" do parentesco geral e abstrata que valide sua interpretação; ao contrário, constrói a significação do parentesco a partir do material tikopia.

Tudo o que envolve o universo do parentesco é apreendido em termos comportamentais, à maneira de uma antropologia fenomenológica, voltada à ação, ao acontecimento. A lente de Firth é microscópica. Ao abordar o problema do incesto (p. 433) quer observar como este se manifesta numa sociedade específica, sem especulações teóricas; este é o seu método: uma anatomia do problema, em que diseca cada situação e apresenta as possibilidades de interpretação. Neste sentido, no método de Firth os Tikopia não encarnam simplesmente uma aventura do particular, uma das manifestações possíveis do universal. Seu método valoriza o particular porque crê que esta é a única forma de compreensão. Quando analisa a noção de

paito, a casa tikopia (p. 458), trata sempre de um caso específico, narra a história de *uma* casa e os acontecimentos que sucederam a partir de sua herança, descrevendo a continuidade de uma casa no tempo. Firth apresenta as categorias nativas como produtoras de novos significados, adotando-as para além dos conceitos do antropólogo. Aposta mais nos conceitos nativos do que nas definições de clã, ramagem, família, patrilinear, matrilinear, que são sempre parciais e incompletas quando contrastadas com seus dados.

Uma frase que orienta seu estilo e que define seu modo de fazer etnografia é: "Durante minha

permanência em Tikopia...". Com isso expressa que se trata de tudo o que pode falar sobre o assunto: o tempo de permanência em campo e sua experiência não são elementos de "autoridade etnográfica", mas de uma "humildade etnográfica", que reconhece os limites do seu registro. Firth não quer construir um sistema, mas apenas tornar sua experiência possível de ser descrita e compreendida. Não se trata exatamente da "sociedade tikopia", mas de pessoas que constituem uma "comunidade de interesse".

Marco Antonio Gonçalves é professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRI.